



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL



Projeções de População Residente Portugal e NUTS II

2000-2050



PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

Índice

I.	METODOLOGIA E ANÁLISE.....	3
	Introdução	3
	Síntese Metodológica	4
	Análise de Resultados	10
	Bibliografia	25
II.	QUADROS.....	26

I. METODOLOGIA E ANÁLISE

INTRODUÇÃO

“Na sociedade contemporânea é cada vez mais evidente a necessidade de conhecer a dimensão e estrutura das populações e prever a sua evolução num futuro determinado.” (INE, 2003, p.7)

Com base neste objectivo é comum elaborarem-se projecções demográficas, que partem da aceitação de um conjunto de hipóteses estabelecidas sobre a evolução da Fecundidade, Mortalidade e Migrações, tendo subjacente a incorporação de informação recente e relevante no que se refere às dinâmicas populacionais, que se conjugam em diferentes cenários. Os resultados são assim sempre condicionais, dependentes da especificação dos parâmetros estabelecidos para cada cenário, a confirmar, ou não, no futuro.

Esta publicação apresenta os resultados das Projecções de População Residente, Portugal e NUTS II (de acordo com a desagregação geográfica NUTS II em 2001 e em 2002), por sexo e grupo etário, até aos 85 ou mais anos de idade, construídas para os anos de 2000 a 2050, para períodos plurianuais de cinco anos. As presentes projecções estão aferidas para os resultados definitivos dos Censos 2001, ajustados das respectivas taxas de cobertura, avaliadas através dos Inquéritos de Qualidade.

Para além dos resultados, contém ainda uma breve descrição da metodologia e hipóteses adoptadas na sua execução, apresentando três cenários de evolução da população, sendo o Cenário Base (também designado por *baseline* em publicações internacionais), considerado, nesta data, e com base na informação disponível, o mais plausível, assim como uma síntese com a análise de alguns indicadores, para Portugal e NUTS II.

SÍNTESE METODOLÓGICA

Na construção das actuais projecções adoptou-se o método das componentes, procedendo-se a uma contínua actualização dos efectivos populacionais, de acordo com as hipóteses fixadas em cada uma das componentes: Fecundidade, Mortalidade e Migrações. Este método viabiliza uma análise prospectiva de cada uma das variáveis através de cenários que incorporam não apenas os determinismos do passado como também parâmetros possíveis de evolução, bem como a observação dos seus impactos. O método baseia-se na equação de concordância da demografia: $P_{t+1} = P_t + N_{t+1} - O_{t+1} + I_{t+1} - E_{t+1}$.

Assim, e grosso modo, os efectivos populacionais do ano t+1 (P_{t+1}) são obtidos a partir dos efectivos do ano t (P_t) a que se adiciona o saldo natural, resultante da diferença entre os nados vivos (N_{t+1}) e os óbitos (O_{t+1}) ocorridos durante o ano t+1, e o saldo migratório, resultado da diferença entre imigrantes (I_{t+1}) e emigrantes (E_{t+1}) durante o ano t+1. Ou seja, se $SN_{t+1} = N_{t+1} - O_{t+1}$ e $SM_{t+1} = I_{t+1} - E_{t+1}$, a equação pode ser resumida como $P_{t+1} = P_t + SN_{t+1} + SM_{t+1}$.

Adoptaram-se como populações de partida para Portugal e cada NUTS II (2001), a população residente estimada para 31/12/2000, por sexo e grupo etário, resultante do recuo demográfico da população em 12 de Março de 2001 (momento censitário), com base nos resultados definitivos dos Censos 2001, ajustados das respectivas taxas de cobertura.

Relativamente às NUTS II (2002), o procedimento foi idêntico. Foram adoptados os pressupostos admitidos para cada uma das componentes demográficas para as NUTS II (2001) de maior correspondência. Isto é, para o Centro (NUTS 2002) os do Centro (NUTS 2001), para Lisboa os de Lisboa e Vale do Tejo, e, para o Alentejo (NUTS 2002) os do Alentejo (2001), mantendo-se as restantes NUTS sem alteração.

Fecundidade

Para calcular o total de nascimentos ocorridos em cada ano, aplicaram-se as taxas de fecundidade específicas por grupos etários, projectadas anualmente até 2050, às correspondentes populações médias femininas em idade fecunda (dos 15 aos 49 anos de idade). Os nados vivos foram repartidos de acordo com um *rácio* de masculinidade e feminilidade à nascença (1,06 e 0,94 respectivamente).

As taxas de fecundidade específicas a que foram submetidas as populações médias femininas de cada grupo etário considerado, foram projectadas com base na evolução prevista do **Índice Sintético de Fecundidade (ISF)**, variável de grande incerteza associada.

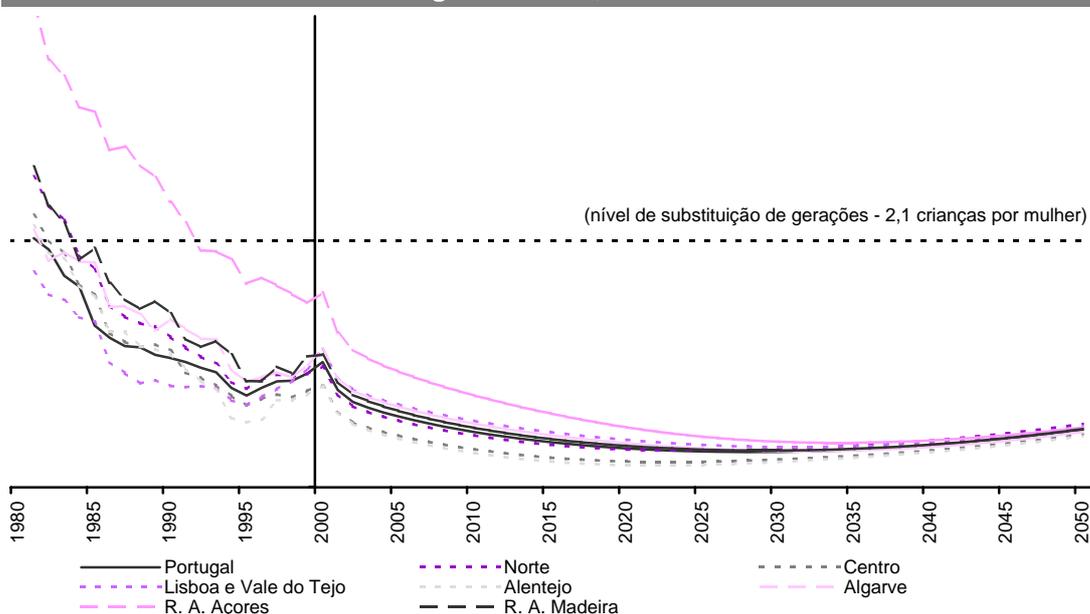
A nível de NUTS II, verifica-se, à semelhança do que havia sido mencionado na análise a nível nacional (INE, 2003), uma tendência comum de descida dos níveis de fecundidade, ainda que o momento de início e o ritmo das alterações apresentem disparidades.

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

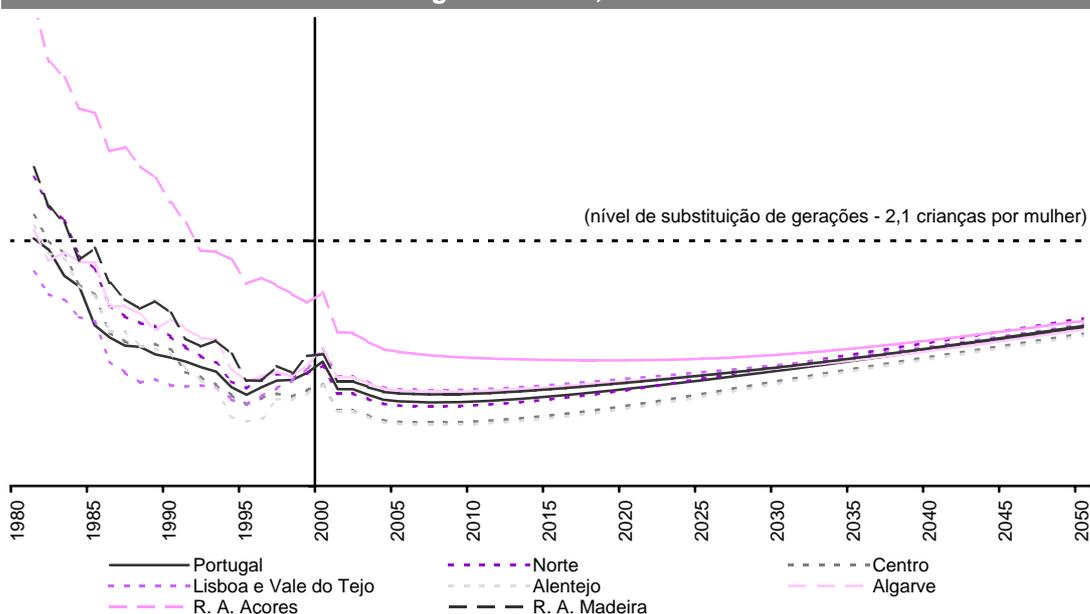
As hipóteses de evolução da fecundidade, para os próximos anos, foram fixadas com base nas tendências observadas no passado recente em cada uma das regiões e nos seguintes pressupostos:

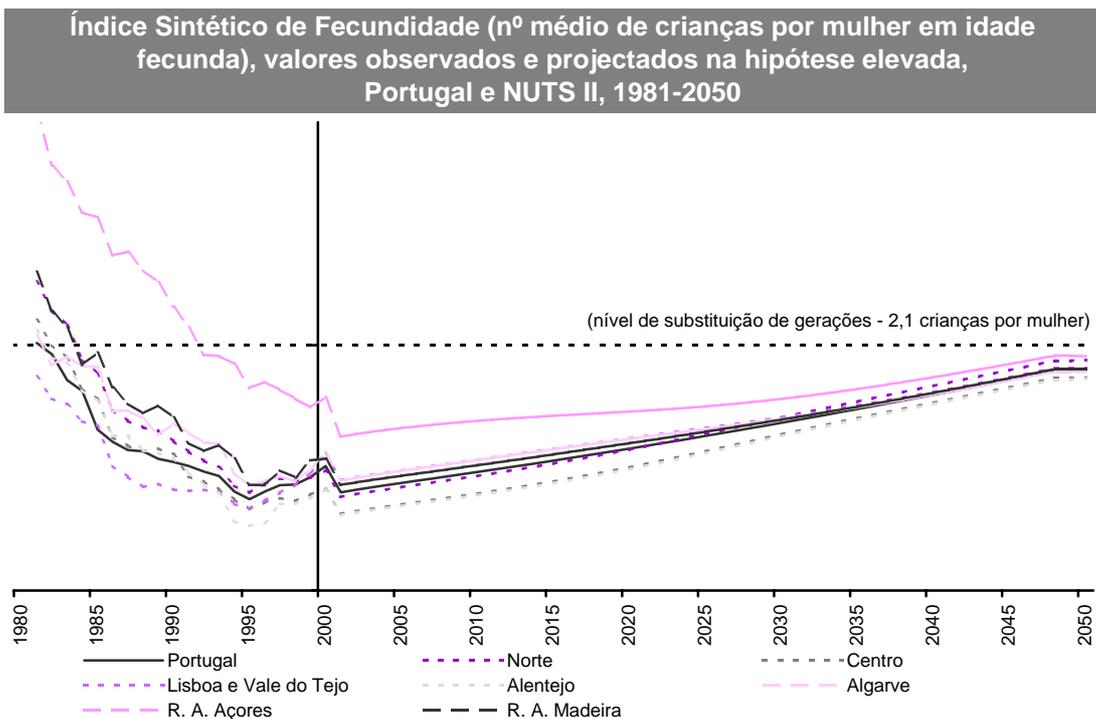
- Manter a consistência com os valores considerados nas projecções a nível nacional;
- Assegurar uma crescente convergência entre as regiões e com os valores para Portugal;
- Projectar no início do período níveis ligeiramente inferiores, invertendo esta relação no final do período, na região Norte;
- Manter valores abaixo dos projectados para Portugal nas regiões Centro e Alentejo;
- Reter valores ligeiramente superiores aos nacionais em Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Região Autónoma da Madeira;
- A Região Autónoma dos Açores permanece com os valores mais elevados.

Índice Sintético de Fecundidade (nº médio de crianças por mulher em idade fecunda), valores observados e projectados na hipótese baixa, Portugal e NUTS II, 1981-2050



Índice Sintético de Fecundidade (nº médio de crianças por mulher em idade fecunda), valores observados e projectados na hipótese central, Portugal e NUTS II, 1981-2050





Mortalidade

A mortalidade é outra das componentes demográficas que afecta a evolução dos efectivos populacionais, pela sua implicação na composição e estrutura das populações futuras.

Em termos de cálculo, os efectivos populacionais, repartidos por sexo e idade, foram sucessivamente submetidos às respectivas probabilidades de sobrevivência, projectadas com base na evolução prevista da **esperança de vida à nascença (e_0)**, por NUTS II, sexo e idades.

Relativamente aos valores a adoptar para as projecções de população residente desagregadas ao nível de NUTS II, foi analisada a tendência observada na evolução da esperança de vida à nascença de cada sexo e para cada região, no período de 1982 a 2000, mantendo-se como pressuposto o aumento da esperança de vida à nascença, alcançando no horizonte 2050, em Portugal, os 79,0 anos para os homens, e 84,7 anos para as mulheres. Os valores reflectem, por um lado, a relação observada, e, por outro lado, a tendência de proximidade face à esperança de vida à nascença adoptada para Portugal.

De um modo geral, as maiores disparidades face aos valores nacionais de esperança de vida à nascença, quer para homens quer para mulheres, encontram-se na região Centro, que registou ao longo de todo o período analisado valores superiores, em ambos os sexos, e nas regiões autónomas, ambas com valores próximos e inferiores aos observados a nível nacional, diferenças que se mantiveram no início do período projectado e se foram atenuando.

No Norte verifica-se que, para os homens, os valores da esperança de vida à nascença recuperaram face aos valores nacionais. Partindo de valores inferiores à média nacional no

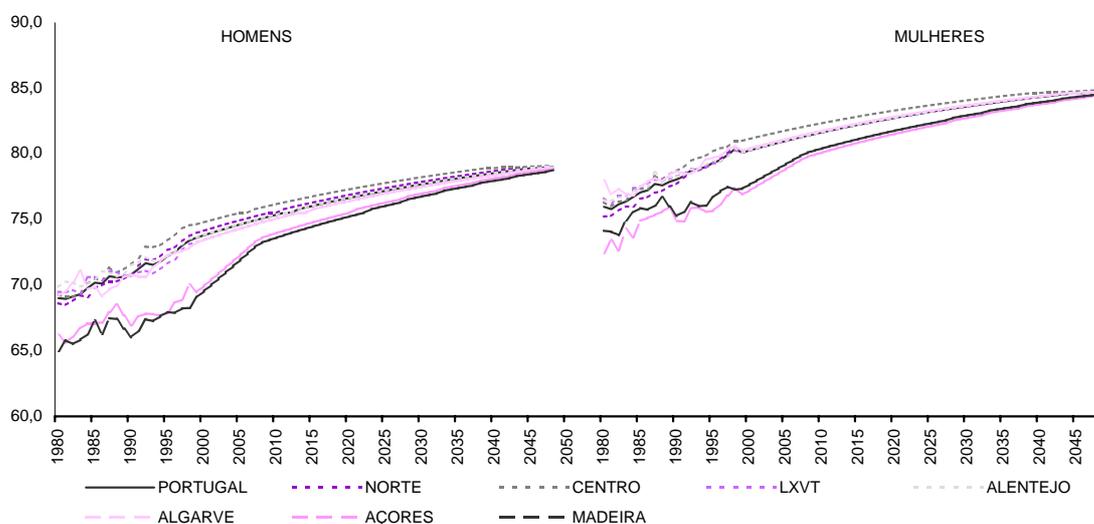
início do período em análise tornam-se superiores no final do mesmo período e durante toda a década de 90. Assim, os valores projectados partiram de um nível ligeiramente superior, atenuando-se a diferença ao longo do período. No caso das mulheres, os valores elevaram-se para muito próximo dos nacionais, pelo que se adoptaram valores idênticos aos do país.

Em Lisboa e Vale do Tejo e no caso dos homens, os anos de observação mais recentes registam uma inversão da tendência, passando a região a apresentar valores inferiores aos nacionais; no caso das mulheres, os valores são quase sempre idênticos aos do país, ainda que ligeiramente superiores. Neste sentido, considerou-se como hipótese níveis ligeiramente inferiores aos nacionais, reduzindo-se a diferença entre ambos, no caso dos homens, e valores semelhantes aos adoptados para Portugal, no caso das mulheres.

No Alentejo observa-se que os níveis são muito próximos dos nacionais, em ambos os sexos, facto que determinou a aplicação dos valores adoptados para Portugal ao longo de todo o período.

No Algarve e no caso dos homens, observam-se quase sempre valores ligeiramente inferiores aos de Portugal, ao contrário do que acontece no caso das mulheres. Assim, os níveis projectados convergem aos nacionais no decorrer do período projectado.

Esperança média de vida à nascença, para cada sexo (em anos), valores observados e projectados, Portugal e NUTS II, 1981-2050



Migrações Internacionais

No cálculo dos efectivos populacionais projectados, é adicionado, para cada sexo e idade, o valor da migração líquida correspondente, sujeita ao esquema de fecundidade e de mortalidade seleccionado na evolução natural da população.

“É na previsão dos fluxos migratórios que se verificam as maiores dificuldades, já que à incerteza dos fenómenos se associa ainda a fragilidade das bases de dados e/ou informação existente.”, e, apesar “... do forte impacto demográfico decorrente destes fluxos, a sua previsão

a longo prazo reveste-se de grande dificuldade, pois não se pode prever com rigor a sua alteração ao longo do tempo.” (INE, 2003, p.16)

Os saldos migratórios incorporados no cálculo das projecções são habitualmente expressos em valores absolutos, sendo a sua distribuição por sexo e idade calculada separadamente para imigrantes e emigrantes (externos). Esta metodologia foi adoptada nas projecções a nível nacional, tendo sido consideradas duas hipóteses de evolução: uma baseada na manutenção de saldos migratórios positivos com valores moderados, e outra assente no pressuposto de ocorrerem saldos migratórios externos nulos ao longo de todo o período das projecções.

Este saldo migratório resultou da soma algébrica das componentes *imigração* e *emigração*, diferenciando-se, ainda, na imigração, as entradas referentes a indivíduos de nacionalidade estrangeira e de nacionalidade portuguesa (relacionada com o regresso de emigrantes).

A nível regional, existe ainda a necessidade de integrar no respectivo saldo migratório a componente das migrações internas (inter NUTS II).

Recorreu-se à informação censitária, nomeadamente aos quantitativos do quesito sobre residência anterior em 31/12/1995 e em 31/12/1999, para estabelecer os montantes a afectar às componentes do saldo migratório *imigração* por NUTS II e *migrações internas*. Esta informação permitiu, por um lado, estabelecer montantes anuais do saldo migratório interno repartidos por NUTS II, a partir de uma matriz de distribuição (por sexo e idade), com base numa taxa migratória sobre o total da população de Portugal para cada ano, e, por outro lado, repartir os totais dos imigrantes relativamente à nacionalidade, por sexo e idade, para cada uma das regiões.

Relativamente à emigração, analisaram-se os dados mais recentes, aos quais se ajustou uma curva logarítmica (que tem como variável explicativa a tendência temporal) ao logaritmo da emigração. Para obter as previsões aplicou-se a equação no tempo, repartindo os valores globais de emigração por sexos e idades através de uma estrutura média de emigrantes, valores que foram posteriormente regionalizados.

Cenários de evolução

Com base nos pressupostos de evolução aceites para cada componente demográfica, foram consideradas três hipóteses para a fecundidade, duas para as migrações e uma para a mortalidade. Entre as diferentes combinações possíveis seleccionaram-se três cenários, partindo da conjugação das diferentes hipóteses evolutivas consideradas, que se designaram por:

- **cenário baixo**

Conjuga as hipóteses de um aumento da esperança média de vida à nascença, alcançando no horizonte 2050, em Portugal, os 79,0 anos para os homens, e 84,7 anos para as mulheres, com a fecundidade em Portugal a reduzir-se para 1,3 crianças por mulher, e, com saldos migratórios externos nulos durante todo o período.

- **cenário base**

Mantendo valores idênticos para a evolução da esperança média de vida à nascença, considera o aumento gradual da fecundidade para 1,7 crianças por mulher até 2050, em associação com saldos migratórios externos positivos, ainda que moderados, durante todo o período, reduzindo-se dos 65 000 indivíduos por ano em 2001 até aos 10 000 por ano em 2010, mantendo-se este valor até 2050.

- **cenário elevado**

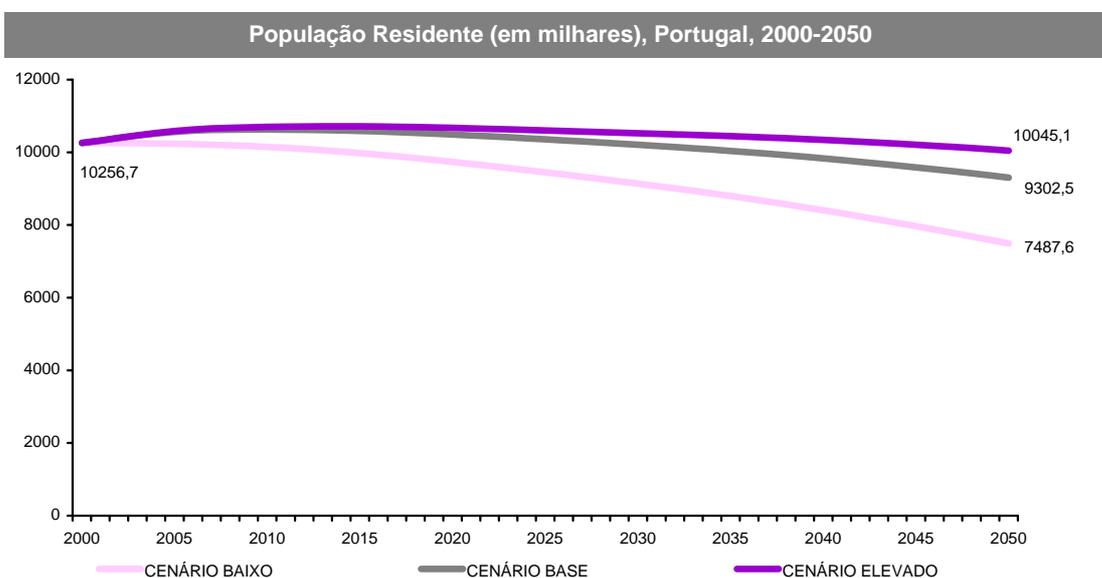
Mantendo valores idênticos para a evolução da esperança média de vida à nascença, associa a hipótese de a fecundidade aumentar em Portugal para valores próximos das 2 crianças por mulher em 2050, com saldos migratórios externos semelhantes aos do cenário base.

CENÁRIOS DE EVOLUÇÃO										
		HIPÓTESES								
		FECUNDIDADE				MORTALIDADE			SALDO MIGRATÓRIO	
		Índice Sintético de Fecundidade		Esperança média de vida à nascença		Esperança média de vida à nascença				
		2001	2050	2001	2050	2001	2050	2001	2050	
CENÁRIOS	ELEVADO		SUPERIOR	2,0	Homens	73,2	79,0	POSITIVO		
	BASE	1,4	CENTRAL	1,7				65000	10000	
	BAIXO		BAIXA	1,3	Mulheres	79,8	84,7	NULO		
								0	0	

ANÁLISE DE RESULTADOS

Para qualquer dos cenários considerados, os resultados obtidos indicam, tal como referenciado em anterior publicação (INE, 2003), a forte probabilidade de a população total residente em Portugal diminuir no decorrer dos próximos 50 anos, prevendo-se que esta redução varie entre os 2,8 milhões (cenário baixo) e os 0,2 milhões de indivíduos (cenário elevado), centrando-se em cerca de 1 milhão no cenário base, correspondendo a uma taxa de variação percentual negativa na ordem dos 9% entre 2000 e 2050.

Partindo de um total de 10,3 milhões de indivíduos residentes em Portugal em 2000, pode esperar-se que, em 2050, a população portuguesa ronde os 9,3 milhões de indivíduos, valor que poderá baixar para apenas 7,5 milhões no cenário baixo, ou rondar os 10,0 milhões no cenário elevado.

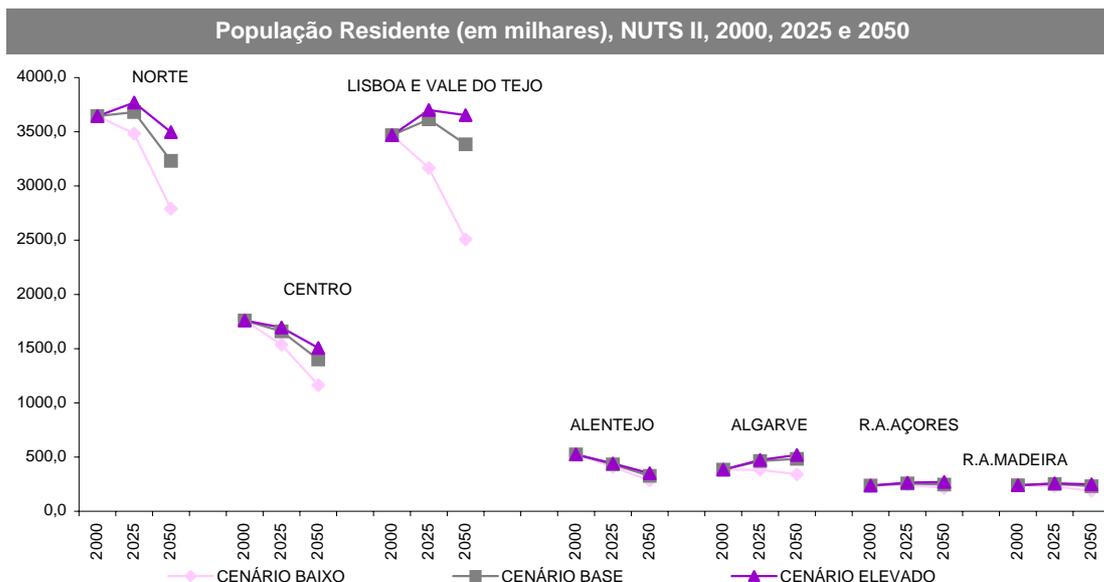


Esta redução de efectivos populacionais que se verifica em qualquer dos cenários reflecte sobretudo a influência dos níveis de fecundidade se situarem abaixo do limiar de substituição das gerações. De facto, mesmo nos cenários que conjugam valores mais optimistas para a fecundidade com saldos migratórios positivos, a tendência de diminuição não se inverte mas atenua-se.

A nível regional encontram-se algumas disparidades quanto à evolução dos efectivos populacionais.

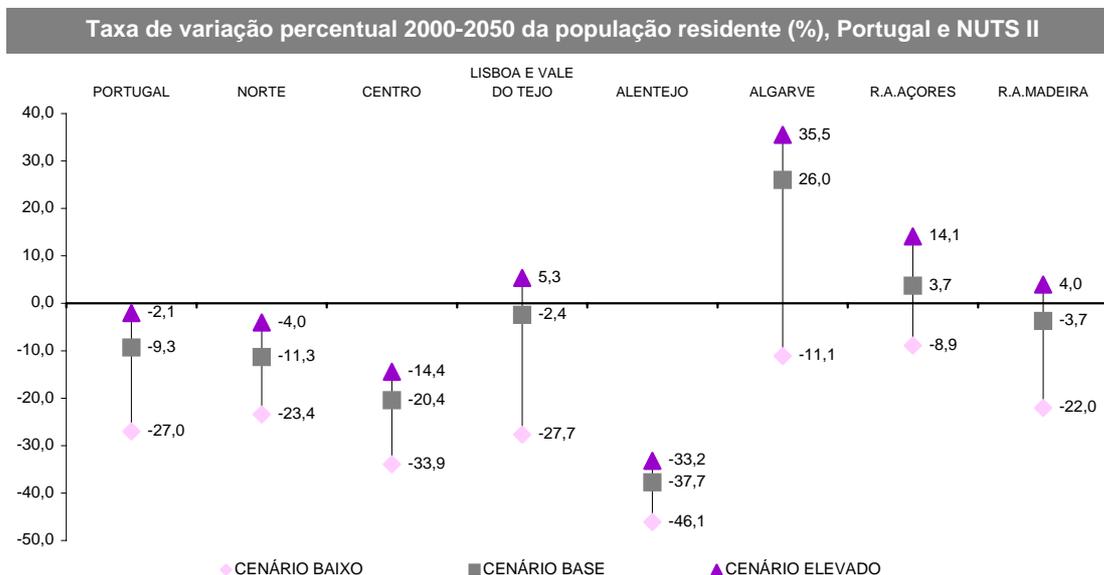
Os resultados obtidos para o Algarve e os Açores, quer no cenário base (sobretudo como resultado de saldos migratórios positivos), quer no elevado (em que para além de saldos migratórios positivos se considera a hipótese de acréscimo dos níveis de fecundidade), permitem antever um aumento populacional até 2050, contrariando a tendência nacional. Aumento que se verifica também em Lisboa e Vale do Tejo e na Madeira, mas apenas no cenário elevado.

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050



No cenário mais pessimista (cenário baixo) todas as regiões perdem efectivos populacionais no período projectado, oscilando a taxa de variação percentual negativa no período 2000 a 2050 entre os 8,9% (na R. A. Açores) e os 46,1% (no Alentejo).

Também os restantes cenários apresentam diferenças, situando-se no intervalo [-37,7%;26,0%] (valores que se referem ao Alentejo e ao Algarve, respectivamente) no cenário base, e alterando-se para [-33,2%;35,5%] no cenário elevado, mantendo-se a hierarquia entre as NUTS II.

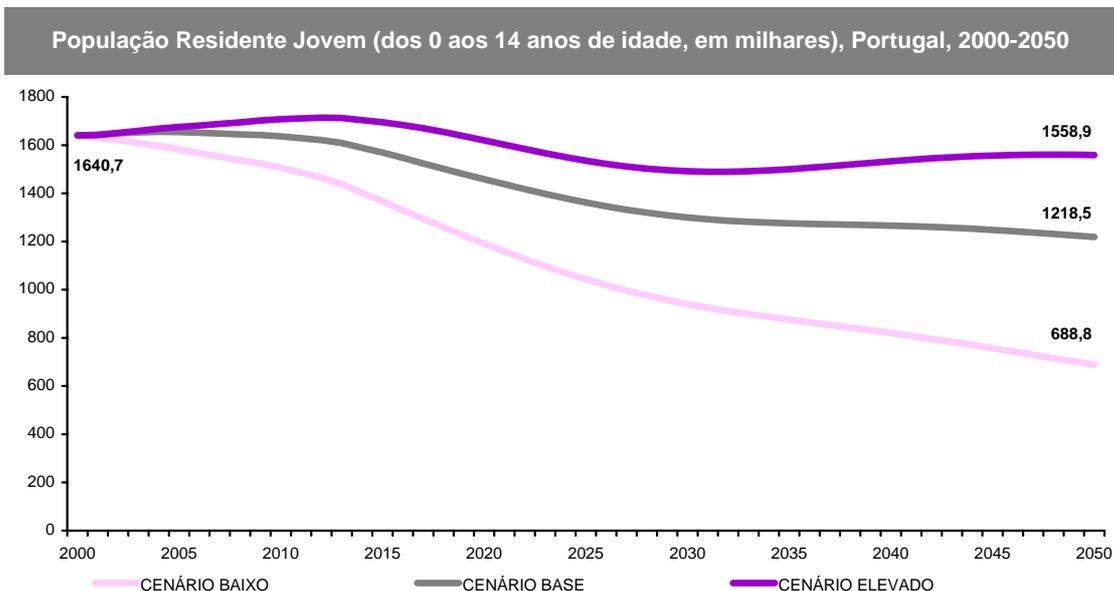


Os efeitos conjugados das hipóteses escolhidas para as componentes demográficas reflectem-se na evolução dos grandes grupos etários de modo diferente.

A evolução dos efectivos populacionais jovens (dos 0 aos 14 anos de idade), em qualquer dos cenários considerados para Portugal, aponta para a sua redução. Partindo de um total de 1,64

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

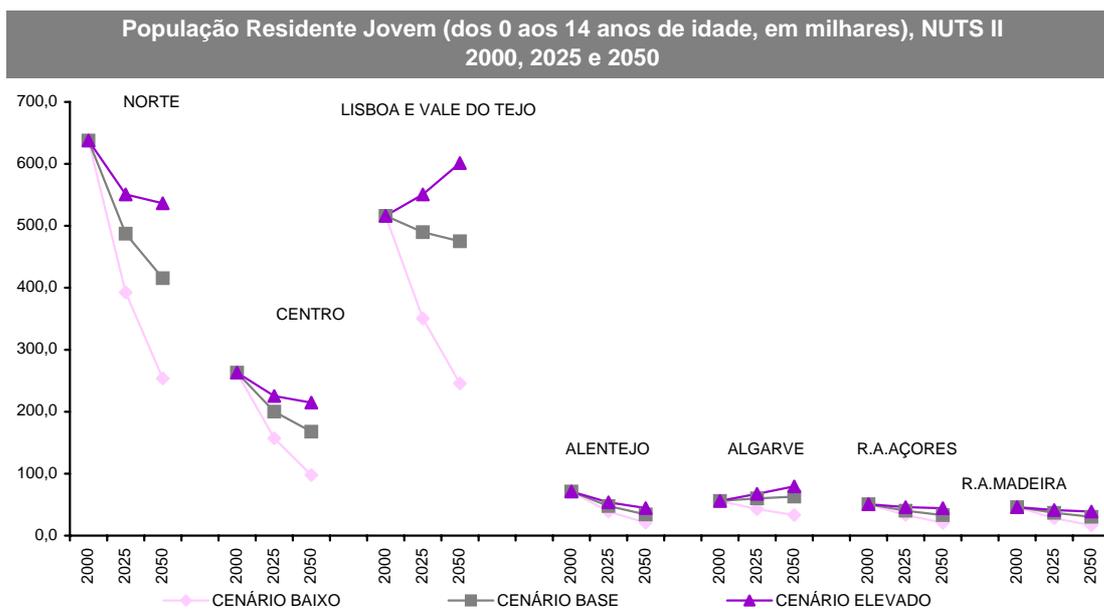
milhões de jovens em 2000, Portugal poderá ver este número reduzido até 2050, para 1,56 milhões no cenário mais optimista, para 1,22 milhões no cenário base, ou para apenas 0,69 milhões no cenário mais pessimista.



As oscilações verificadas, em particular no cenário elevado, reflectem os efeitos de longo prazo da fecundidade, isto é, ao considerar valores de fecundidade mais elevados no início do período obtém-se como resultado um maior número de nascimentos de mulheres, e consequentemente a entrada de mais mulheres na idade fecunda a meio do período, ocasionando um aumento dos nascimentos a partir desse momento e logo da população jovem.

Tal como em relação à população total, também os valores projectados de população jovem, apresentam diferenças a nível regional, com praticamente todas as regiões, em qualquer dos cenários analisados, a apresentar uma redução, entre 2000 e 2050, dos efectivos mais jovens, com excepção de Lisboa e Vale do Tejo no cenário elevado, e do Algarve nos cenários base e elevado.

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050



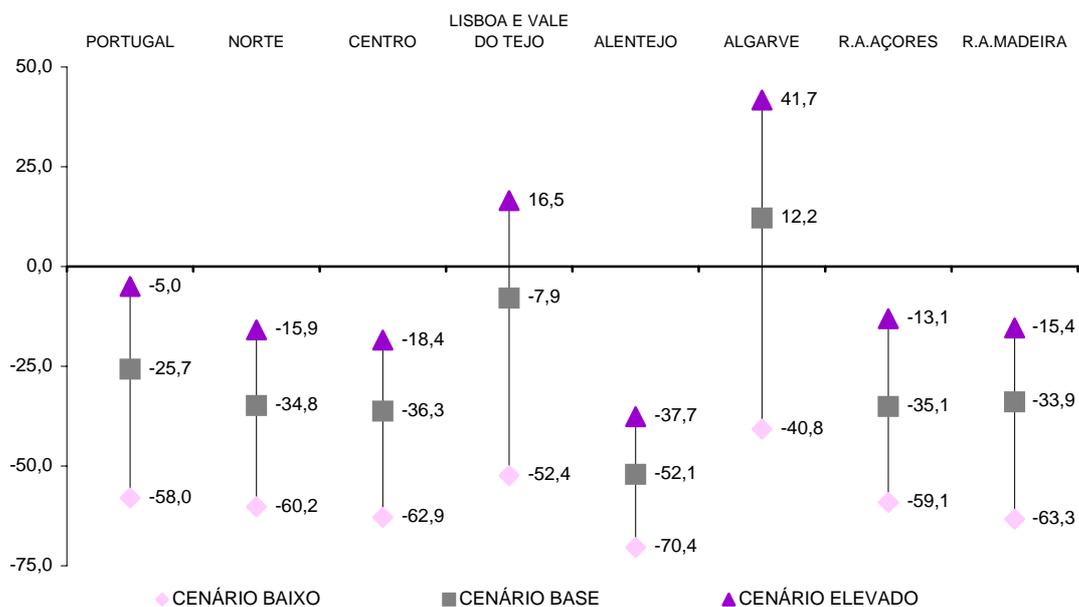
Para Portugal, a taxa de variação percentual entre 2000 e 2050 desta faixa populacional, oscila entre os -58% (cenário baixo) e os -5% (cenário elevado), registando-se, uma vez mais, assimetrias regionais.

No cenário mais pessimista todas as regiões vêm reduzir a sua população jovem, com valores entre os $-40,8\%$ (Algarve) e os $-70,4\%$ (Alentejo). É, aliás, no Alentejo que, em qualquer dos cenários, se observam as maiores reduções de população jovem.

Por oposição, o Algarve, de acordo com os resultados do cenário base e do cenário elevado, pode aumentar os seus efectivos populacionais com menos de 15 anos de idade, entre $12,2\%$ e $41,7\%$ (respectivamente). Contudo, no cenário baixo a situação inverte-se, sendo previsível uma redução de $40,8\%$.

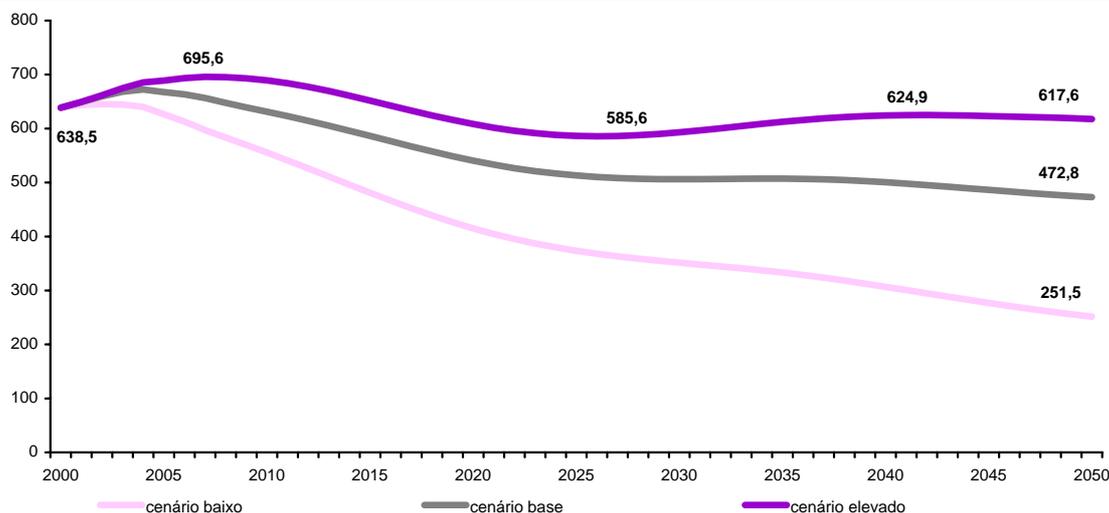
O intervalo de variação situa-se entre os $-52,1\%$ e os $12,2\%$ (Alentejo e Algarve, respectivamente) no cenário base, modificando-se para $[-37,7\%;41,7\%]$ no cenário elevado, mantendo-se, uma vez mais, o posicionamento das NUTS II.

Taxa de variação percentual 2000-2050 da população residente jovem (%), Portugal e NUTS II



Até 2050 prevê-se que o número de crianças dos 0 aos 5 anos de idade (em idade pré escolar), residentes em Portugal, diminua dos 638,5 milhares, estimados em 2000, para os 617,6 milhares, em 2050, no cenário mais optimista, ou para apenas 251,5 milhares no cenário mais pessimista (472,8 milhares no cenário base).

População Residente dos 0 aos 5 anos de idade (em milhares), Portugal, 2000-2050

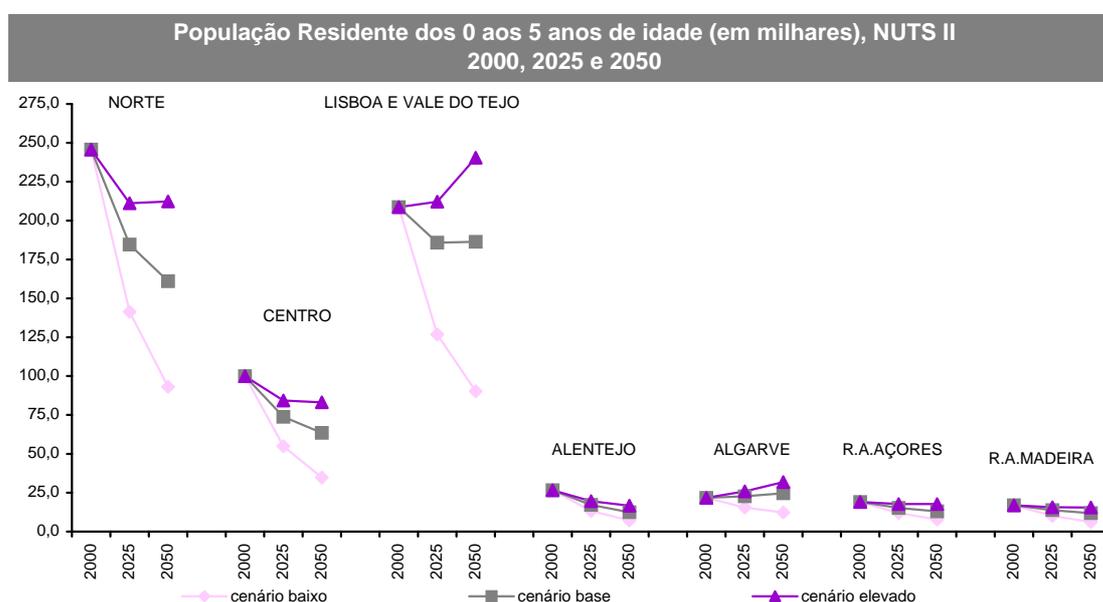


O decréscimo não é contudo linear. Em 2005, o valor poderá ainda aumentar para os 667,6 milhares no cenário base, ou para os 688,9 milhares no cenário elevado. O aumento do número de crianças poderá ainda manter-se, nesta primeira fase, no cenário elevado, rondando os 689,2 milhares em 2010 (depois de alcançar os 695,6 milhares em 2007).

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

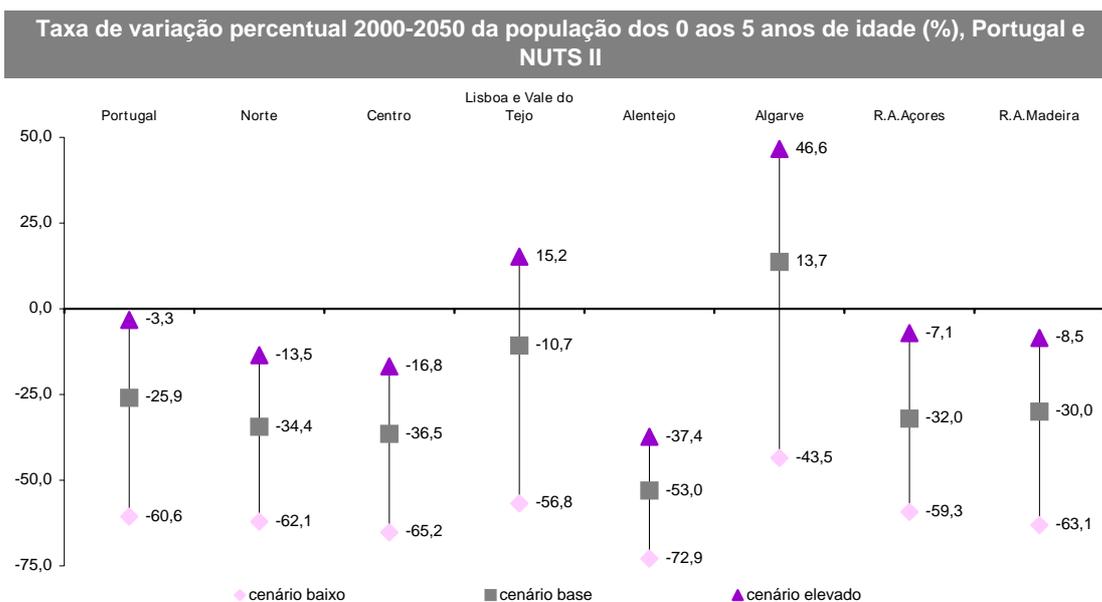
A entrada na idade fecunda de um maior número de mulheres, seja pelo maior volume de imigração feminina (que caracteriza a diferença entre o cenário baixo e o cenário base), seja em consequência de níveis de fecundidade mais fortes (que caracteriza a diferença entre o cenário base e o cenário elevado), justificando as oscilações encontradas ao longo do período projectado, de forma mais perceptível no cenário elevado. Assim, e neste cenário, depois de uma primeira fase de acréscimo (2000-2007), assiste-se a uma fase de declínio (2028-2026), reduzindo-se o número para 585,6 milhares, após o que aumenta de novo até 2042 atingindo os 624,9 milhares, retomando depois a quebra de valores até 2050 (617,6 milhares).

A tendência global de redução do número de crianças até 2050 surge igualmente a nível regional (exceptuando Lisboa e Vale do Tejo no cenário elevado e o Algarve nos cenários base e elevado), assim como as oscilações da tendência no decorrer dos 50 anos projectados.

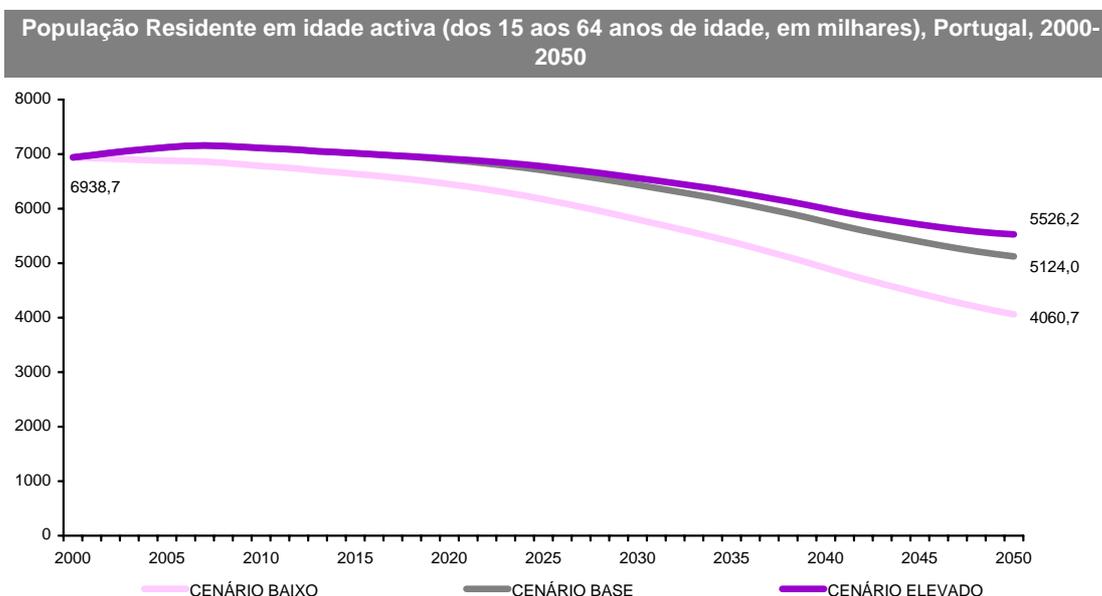


No cenário mais pessimista, reduz-se o número de crianças em idade pré escolar em todas as NUTS, no período entre 2000 e 2050, com taxas de variação percentual negativas entre os 72,9% (Alentejo) e os 43,5% (Algarve), com o valor para Portugal a situar-se nos -60,6%. No cenário base, os valores oscilam entre os -53,0% e os 13,7% (observados para as mesmas regiões mencionadas). Se neste cenário o Algarve é a única região que não reduz estes efectivos populacionais, no cenário mais optimista associa-se também Lisboa e Vale do Tejo (15,2%), alterando-se o intervalo para [-37,4%;46,6%].

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050



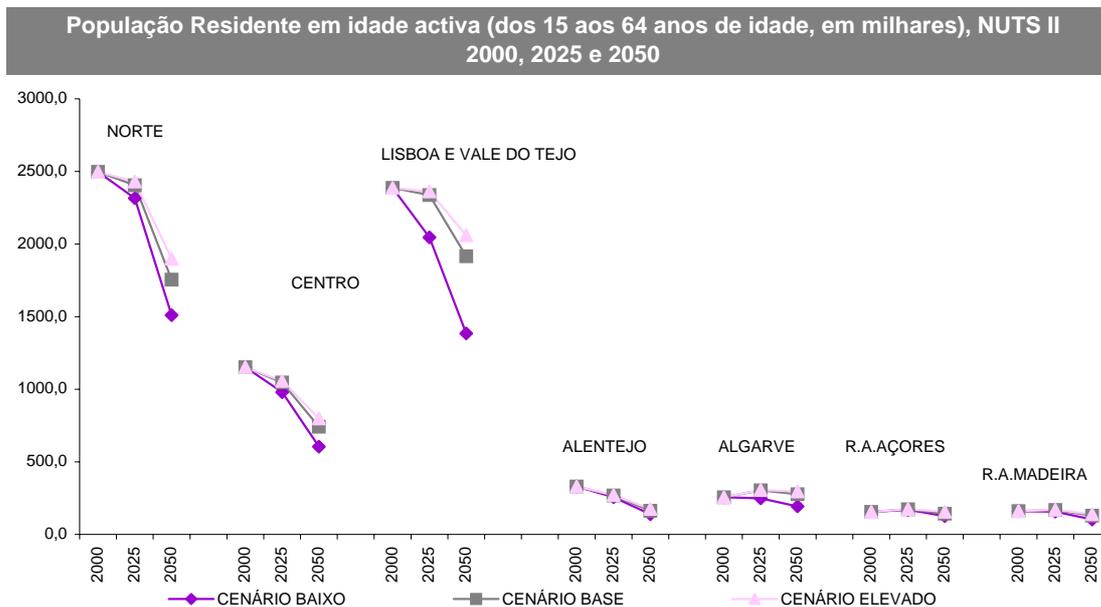
Relativamente à evolução da população em idade activa (dos 15 aos 64 anos de idade), qualquer dos cenários considerados apresenta um decréscimo desta faixa etária da população em Portugal até 2050, mais agravado no cenário baixo como resultado da conjugação de baixos valores de fecundidade e a possibilidade de ocorrência de saldos migratórios nulos. Assim, se em Portugal os efectivos populacionais em idade activa rondavam os 6,9 milhões em 2000, em 2050 estes podem oscilar entre os 5,5 milhões (cenário elevado) e os 4,1 milhões (cenário baixo).



A redução de efectivos em idade activa é expectável em todas as regiões, ainda que de forma diferenciada. De um modo geral, todas as regiões, em qualquer dos cenários analisados,

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

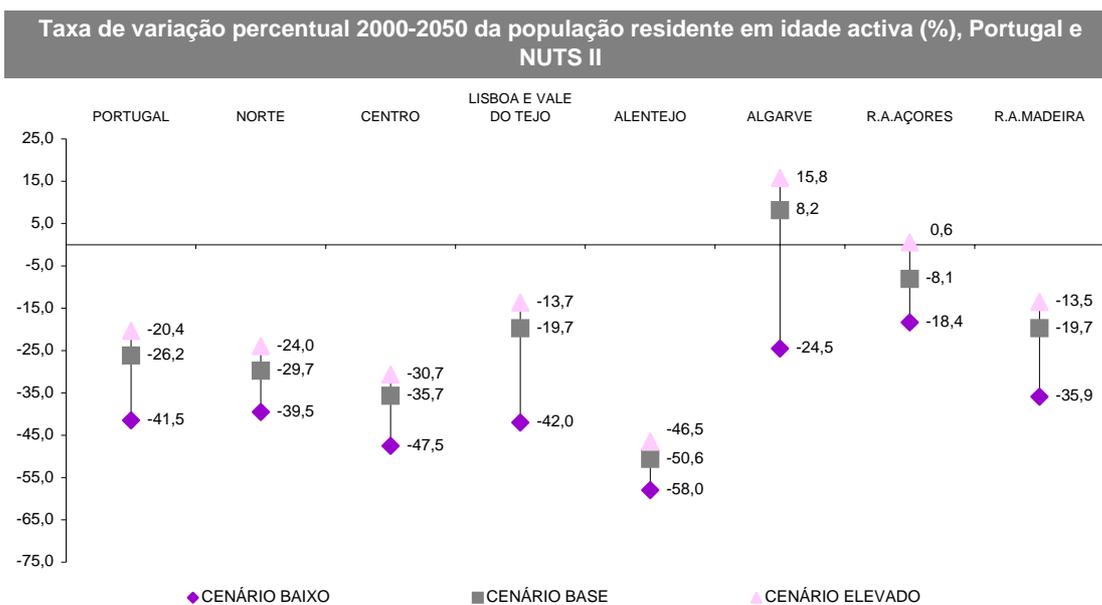
observam uma redução destes efectivos, excepto os Açores no cenário elevado e o Algarve nos cenários base e elevado.



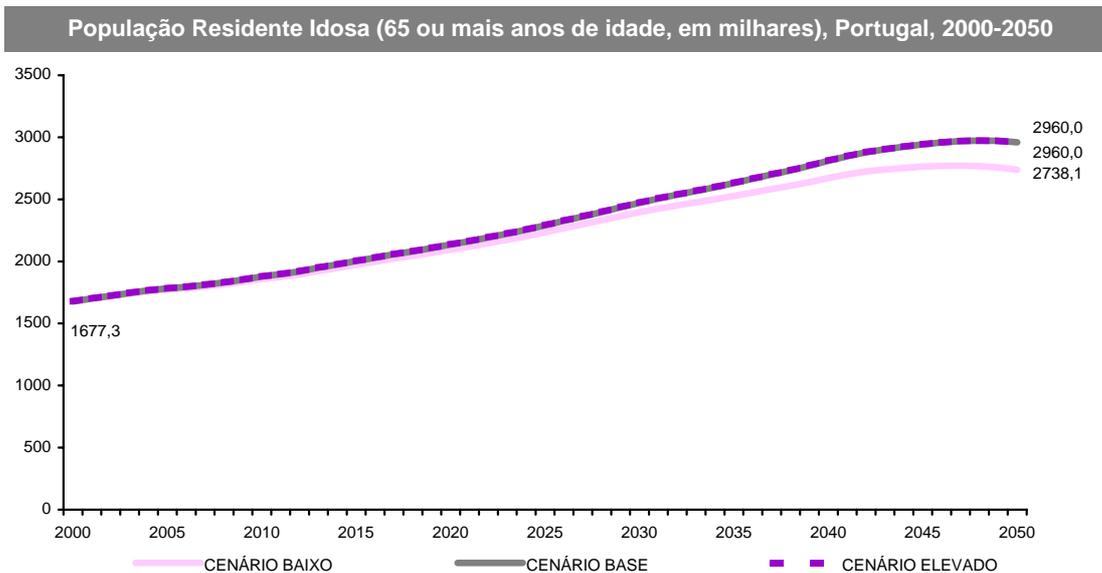
Em Portugal, a taxa de variação entre 2000 e 2050 poderá oscilar entre os $-20,4\%$, no cenário elevado, e os $-41,5\%$, no cenário baixo.

A nível regional, o Alentejo surge como a região mais afectada, uma vez que, mesmo no cenário elevado, poderá perder, no decorrer dos 50 anos projectados, cerca de metade da sua população em idade activa. Em contrapartida, o Algarve poderá verificar um aumento dos seus efectivos populacionais em idade activa no cenário base ($8,2\%$) e no cenário elevado ($15,8\%$), aumento que se prevê ocorrer em particular nos primeiros 25 anos de projecção. Esta situação é idêntica à que se observa na Região Autónoma dos Açores, mas apenas no cenário mais optimista (acréscimo de $0,6\%$ entre 2000 e 2050 no cenário elevado).

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050



De acordo com os resultados das projecções de população residente em Portugal para o período 2000 a 2050, a população idosa (com 65 ou mais anos de idade) aumentará até 2050 para cerca de 3,0 milhões (cenários base e elevado), ou para cerca de 2,7 milhões (cenário baixo), face aos cerca de 1,7 milhões de idosos estimados em 2000.

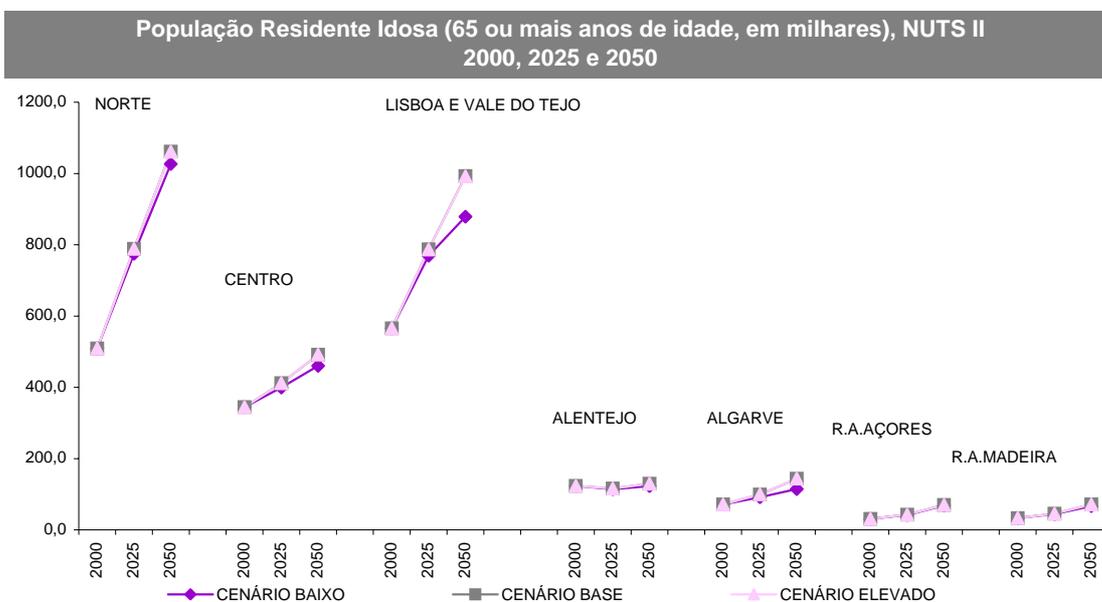


A evolução do número de efectivos com 65 ou mais anos de idade em Portugal nos cenários base e elevado é idêntica, o que se deve ao facto de esta faixa etária, nos 50 anos em projecção, ser apenas afectada pelo envelhecimento natural da população e pelos movimentos migratórios (com volumes e estruturas idênticos em ambos os cenários mencionados). Os efeitos da fecundidade apenas se repercutem no longo prazo. De facto, mesmo que se considere uma fecundidade superior no cenário elevado face ao cenário base, o maior número de indivíduos entretanto nascidos, por exemplo em 2005, e que sobrevivam, só atingirá os 65

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

anos de idade em 2070. A nível regional obtêm-se pequenas diferenças entre os resultados do cenário base e do cenário elevado, ocasionadas pelos fluxos migratórios, ligeiramente alterados em cada um destes cenários.

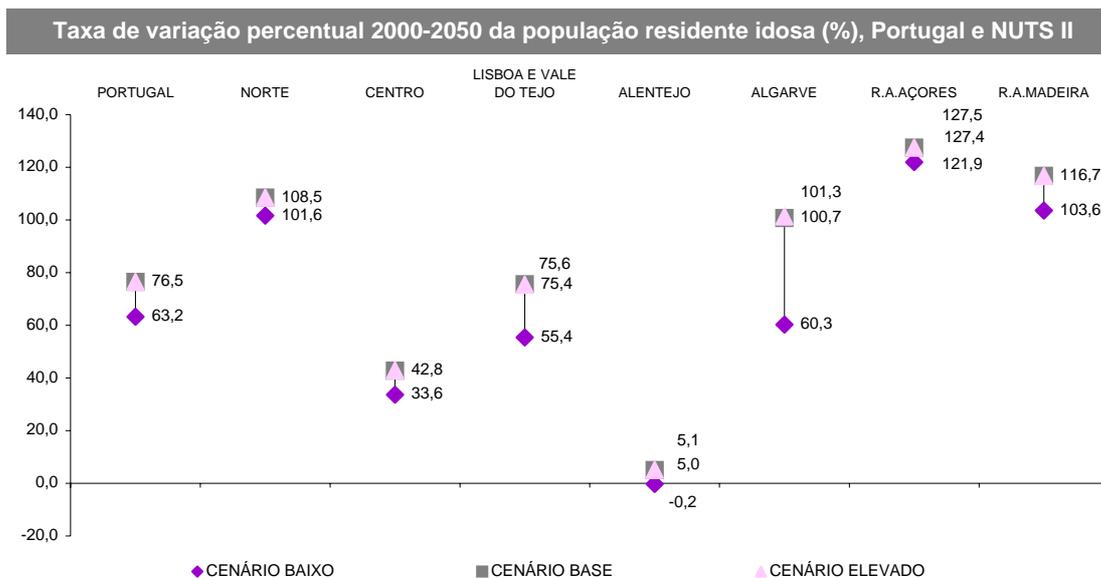
O aumento da população idosa é esperado em todas as NUTS II, qualquer que seja o cenário considerado (excepção apenas para o Alentejo que, no cenário baixo, poderá ver ligeiramente reduzido o número de pessoas idosas). Contudo, as taxas de variação são heterogéneas.



Entre 2000 e 2050, o aumento da população idosa em Portugal poderá oscilar entre os 63,2% (cenário baixo) e os 76,5% (cenário elevado).

Algumas regiões podem mesmo mais do que duplicar a sua população idosa em qualquer dos cenários projectados, no horizonte temporal estabelecido, como se observa no Norte e nas regiões autónomas, e no Algarve nos cenários base e elevado.

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO RESIDENTE, PORTUGAL E NUTS II, 2000-2050

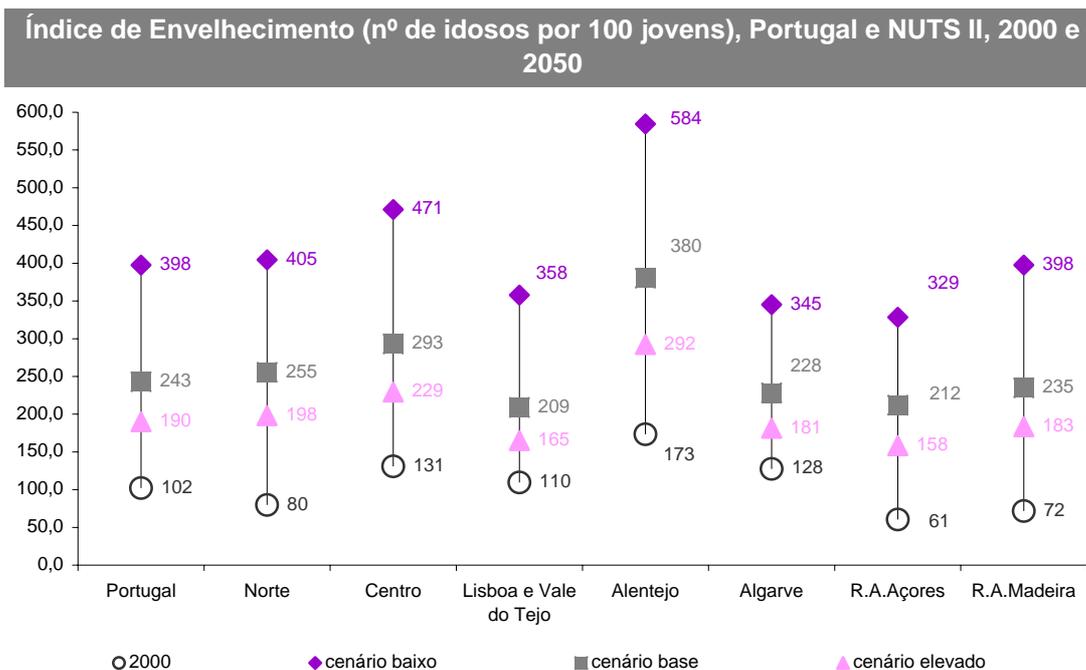


O aumento desta faixa populacional até 2050 é particularmente acentuado na Região Autónoma dos Açores, com a taxa de variação percentual neste período a atingir os 127,5% no cenário elevado. Contrastando com estes valores encontra-se o Alentejo, região onde, nos cenários base e elevado, apenas se prevê um acréscimo a rondar os 5%, ou, mesmo um ligeiro decréscimo (-0,2%), como se verifica no cenário baixo.

Analisada a tendência de evolução para os principais grupos etários da população residente em Portugal, sobrevale a ideia de uma provável redução da população com menos de 65 anos de idade e um aumento da população com 65 ou mais anos de idade, sendo assim previsível um aumento do índice de envelhecimento¹ até 2050, qualquer que seja o cenário considerado.

Como resultado das mudanças da estrutura etária, em Portugal o índice de envelhecimento poderá atingir os 4 idosos por cada jovem (no cenário mais pessimista), ou seja, quadruplica em 50 anos face à paridade observada em 2000.

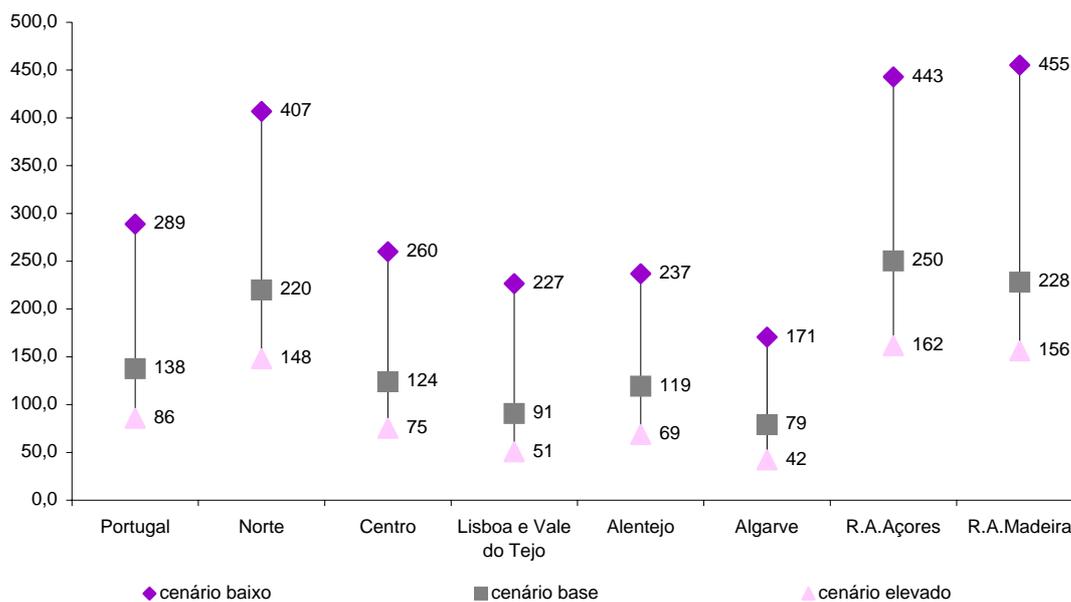
¹ Número de idosos (65 ou mais anos de idade) por cada 100 jovens (menos de 15 anos de idade).



A nível regional, o índice de maior valor, em qualquer dos cenários, situa-se no Alentejo, e pode chegar a atingir os 6 idosos por cada jovem, em 2050 e no cenário baixo. Por contraste, nos Açores os valores são sempre os mais reduzidos, podendo oscilar entre os 158 e os 329 idosos por cada 100 jovens, para o mesmo ano, dependendo do cenário escolhido.

No entanto, apesar de o Alentejo se manter como a região com o mais elevado índice de envelhecimento, não é a NUTS II onde o processo de envelhecimento é mais acentuado. De facto, é no Norte e nas regiões autónomas que o ritmo de envelhecimento é mais agravado, podendo atingir uma variação de 455%.

Taxa de variação percentual 2000-2050 do índice de envelhecimento (%), Portugal e NUTS II



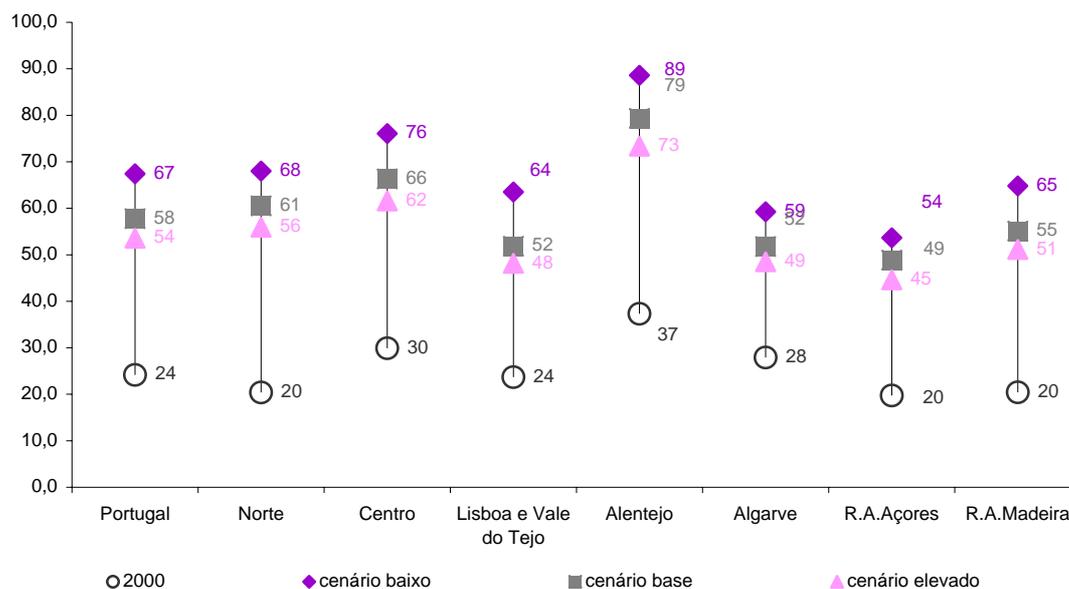
O aumento do número de idosos será também reflectido na evolução do índice de dependência de idosos².

Em 2000, por cada 100 indivíduos residentes em Portugal e em idade activa, estimavam-se existir cerca de 24 idosos, valor que a nível regional oscilava entre os 20 (Norte e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira) e os 37 no Alentejo.

Em 2050, por cada 100 indivíduos residentes em Portugal e em idade activa, prevê-se que existam entre 54 a 67 idosos (cenário elevado e baixo, respectivamente), oscilando, a nível de NUTS II, entre os 45 (Açores no cenário elevado) e os 89 (Alentejo no cenário baixo).

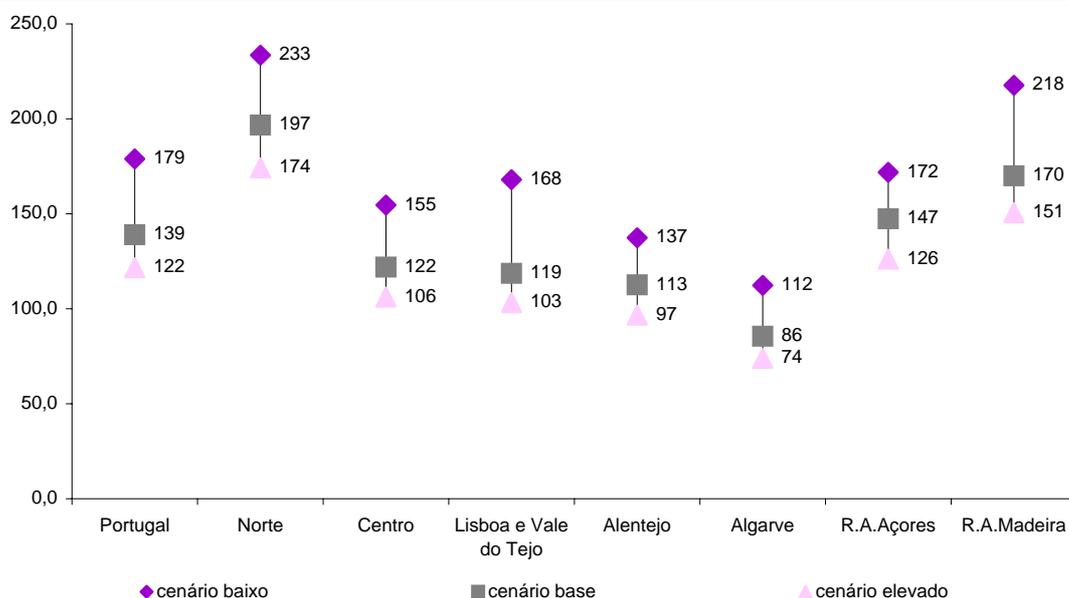
² Número de idosos (65 ou mais anos de idade) por cada 100 indivíduos em idade activa (dos 15 aos 64 anos de idade).

Índice de Dependência de Idosos (número de idosos por cada 100 indivíduos em idade activa), Portugal e NUTS II, 2000 e 2050



Os maiores acréscimos, contudo, registam-se na região Norte, onde a taxa de variação percentual entre 2000 e 2050 do índice de dependência de idosos poderá aumentar entre 174% a 233%, e na Região Autónoma da Madeira (entre 151% e 218%, no cenário elevado e baixo, respectivamente).

Taxa de variação percentual 2000-2050 do índice de dependência de idosos (%), Portugal e NUTS II



Em síntese, poderá dizer-se que, de acordo com os resultados do cenário base das actuais projecções, é previsível a redução da população residente em Portugal no horizonte 2050, que em termos regionais será mais forte no Alentejo, região que pode vir a perder mais de um terço

da população actual. Apenas o Algarve e a Região Autónoma dos Açores contrariam esta tendência.

No mesmo cenário, a população portuguesa envelhecerá, mais do que duplicando o número de idosos por cada 100 jovens em 50 anos, envelhecimento que a nível de NUTS II será mais acentuado nas regiões autónomas. O Alentejo e o Centro continuarão a ser as regiões mais envelhecidas, em 2050 por cada 100 jovens existirão 584 e 471 idosos, respectivamente.

BIBLIOGRAFIA

Carrilho, Maria José (1997), “*As Projecções Demográficas: aplicação e métodos*”, in Cadernos Regionais n.º Abril de 1997, Direcção Regional do Centro, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa, www.ine.pt/prodserv/estudos/pdf/A3CRC7.PDF

Carrilho, Maria José, Magalhães, Graça (2000), Fertility and family surveys in countries of the ECE region - standard country report: Portugal, United Nations Publications, Geneva

Conselho da Europa (2003), Evolution démographique récent en Europe 2003, Edições do Conselho da Europa, Bélgica

HINDE, A. (1998), Demographic Methods, Arnold, London

INE (1996), XIII Recenseamento Geral da População 1991 – Resultados Definitivos, 2ª Edição, Portugal, INE, Lisboa

INE (2001), Inquérito à Fecundidade e Família 1997 - Resultados Definitivos, INE, Lisboa

INE (2002), XIV Recenseamento Geral da População 2001 – Resultados Definitivos, Portugal, INE, Lisboa

INE (2003), Projecções da População Residente, 2000-2050, INE, Lisboa

INE (vários), Estatísticas Demográficas, INE, Lisboa

Namoodiri, K., Suchindran, C. M. (1987), Life Tables Techniques and Their Applications, Studies in Population, Academic Press, Inc

Nazareth, J. Manuel (1988), Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa, Editorial Presença, Lisboa

O'Neill, Brian C., Balk, D., Brickman, M., Ezra, M., (2001), “*A Guide to Global Population Projections*”, in Demographic Research, volume 4, Article 8, 13 Junho 2001, Max Planck Institute for Demographic Research, Germany, pp 203 –265, www.demographic-research.org

Silva, Filipa (2002), “*Projecção das taxas de fecundidade específicas por idades no horizonte de longo prazo (2001-2050): Estudo de um modelo de previsão com séries temporais*”, in Revista de Estudos Demográficos n.º 32, INE, Lisboa